

## Literatura dos afetos

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)



Há livros destinados a crianças que gosto de recomendar para adultos. Construídos, no texto e na ilustração, com linguagem vigorosa e quase sempre apresentando narrativa de caráter atemporal, eles são expressão de arte. Indico-os sob o argumento de que se trata de poesia. Eles exalam a linguagem da temura inerente à boa parte da infância, passível de ser acionada em todas as idades. Nos meses de dezembro, costumo eleger um deles como o melhor do ano e, muitas vezes, compro exemplares para presentear a quem amo.

Este ano, já tenho sério finalista para a lista de preferidos: O pássaro na gaiola, de Vincent van Gogh e Javier Zabala (Pequena Zahar), com tradução excelente de Mauro Gaspar. Em capa dura, formato vertical, se trata de feliz releitura de uma história contada por Vincent (1853 - 1890) a Théo, em uma das mais de 600 cartas escritas pelo pintor para o irmão que o sustentou afetiva e financeiramente. Sob a forma de parábola, ele fala sobre um pequeno pássaro atormentado que vive em uma gaiola, porém, nutrido pelo "afeto profundo e sincero", vislumbra a liberdade.

Releitura, sim, pois o texto foi retirado integralmente de carta enviada em julho de 1880, mas ganhou novos sentidos com as ilustrações de Zabala, ilustrador agraciado com grande número de prêmios, inclusive o Premio Nacional de Ilustração da Espanha (2005). Ele expandiu a voz do pássaro-menino, alter-ego do pintor impressionista, com uma ilustração de qualidade, em que usou distintas técnicas (monotipia, acrílico, grafite, colagem). Precisou também estudar diferentes artistas para se aproximar da sensibilidade literária de van Gogh, que vendeu apenas um desenho quando vivo e, por isso, dependia do irmão. Com tanta sofisticação, o ilustrador evitou a reiteração, tanto do texto verbal como do vocabulário plástico do pintor-escritor, e transformou a narrativa de sentido melancólico em colorido processo de libertação. Ou seria criação?

Gentileza – Quando vi o livro pela primeira vez, a edição em espanhol saiu em 2013 (Edelvives), fiquei pensando em como deve ter sido difícil ilustrar texto escrito por um pintor consagrado, não destinado originalmente a crianças. Agora que o livro está sendo lançado no Brasil, resolvi perguntar a Zabala, cujo percurso acompanho há alguns anos, como seu deu o processo de ilustrar o trabalho assinado por um clássico da história da arte. Gentil, minutos antes de entrar em voo com destino a nosso país, onde participará do Festival de Ilustração da Bahia, no próximo sábado, dia 18, ele respondeu por mensagem inbox:

- Eu só illustrei o van Gogh escritor. Com todos os mestres antigos, temos que nos aproximar com muito respeito e um pouco de medo.

Insisto se ele revisitou muito a obra do artista plástico Van Gogh, que deixou legado de mais de 800 pinturas e quase a mesma quantidade de desenhos, para conseguir realizar o trabalho de ilustração do texto do escritor van Gogh. A resposta não poderia ser mais inesperada:

- Sim, através de Hokusai, o que foi interessante para os dois.

A historiografia da arte relata que van Gogh foi muito influenciado pela arte japonesa – em uma das cartas ao irmão, escrita um mês antes daquela que contém a narrativa do pássaro, ele diz que os impressionistas amam a arte japonesa. Théo comprou muitas reproduções de gravuras orientais, hoje guardadas no museu que leva o nome do pintor em Amsterdã. Katsushika Hokusai (1760-1849) foi o nome mais expressivo da pintura e da gravura do período Edo, popularizado junto ao mundo ocidental pelas 36 belas vistas do Monte Fuji. A complementação da explicação de Zabala torna mais complexa a questão:

- Ao final, esqueci o van Gogh pintor e me dei conta que o resultado final em algumas das páginas tem mais a ver com Paul Klee.

Profundidade – Um leitor menos experiente, desconhecedor do mundo que rege a ilustração dos livros infantis, em especial dos picture books ou álbum ilustrado, categoria na qual se enquadra a obra de Zabala, poderá ter dificuldades em imaginar viagem tão profunda pela tradição da arte para se chegar a um produto

dedicado aos leitores bem jovens. Zabala mergulhou no universo de van Gogh, que frequenta desde os 16 anos, por via indireta, estudando Hokusai. E terminou se aproximando do modernista Klee ((1879-1940), que valorizava a expressão livre do desenho infantil, era também grande conhecedor da pintura oriental e possuía amplo conhecimento da teoria da cor.

O resultado encontra-se na presença de elementos característicos dos três grandes artistas do passado na obra original de Zabala, que é um dos mais importantes ilustradores da Espanha contemporânea – para saber mais sobre ele, recomendo ler entrevista concedida à ótima revista digital brasileira Emília.

A presença do léxico do pintor van Gogh aparece discreta nas ilustrações do livro. Mais identificável, em especial, na página dupla na qual o pássaro aparece azulado – ele muda de cor conforme o seu estado de espírito. Nela, o pequeno animal se encontra na gaiola sob discreto fundo de voltes que remetem ao quadro Noite estrelada (1889), obra das mais conhecidas do impressionista. A ligeira citação do passado, tão comum às poéticas do contemporâneo, torna o livro exercício de investigação para leitores que possuem repertório plástico mais consistente, mas não impede que o leitor por mais jovem que seja também usufrua do imaginário proposto pelo ilustrador.

Economia – De Hokusai, podemos sentir a influência de uma economia de contenção. Não há excesso nas imagens produzidas por Zabala. Mesmo assim, as páginas se tornam fortes, despertam curiosidade, o leitor deseja descobrir o que mais existiria além do que lhe foi apresentado. Há momentos em que as árvores são desenhadas quase abstratas, como se estivéssemos diante de uma pintura antiga japonesa. Em outros, as formas dos pássaros lembram origamis, tão frequentes na arte oriental.

Da leitura de Klee, o ilustrador apreende o contraste equilibrado das cores e a persistência de um desenho aparentemente livre e irrefletido. Articula isso com uma espacialidade cubista, em que as formas arquitetônicas surgem geométricas, e faz uso de muitas linhas. Todos esses efeitos produzem movimentos e alteram os ritmos das páginas e da leitura. Quando o pássaro diz: “A liberdade, por favor...! Ser um pássaro como os outros pássaros!”, a página dupla exhibe inúmeros pássaros pousados em linhas, quase todos da mesma cor, em tonalidade entre o marrom e o preto, referência pictórica ao quadro Os comedores de batatas. de van Gogh. Têm tamanhos e formatos variados, e apenas um, ele, o alter-ego de Vincent, se apresenta com outro tom, mais claro, e leve mancha o aproxima dos amarelos da série Os girassóis.

Da soma de tantas leituras, Zabala produziu sua síntese. Deve ter sido trabalho exaustivo a ponto de o Museu ABC de Desenho e Ilustração, sediado em Madri, ter realizado exposição no ano passado, dividida em cinco módulos, expondo todo o processo de elaboração do livro, conforme se pode ver na revista digital espanhola Érase una vez. No Brasil, somos tão pouco atentos aos ilustradores que ainda não realizamos uma exposição de grande porte em homenagem a Roger Mello, que trouxe para cá o Nobel da ilustração, o Hans Christian Andersen, prêmio que Zabala ainda está por conquistar.

Aproximação – Raramente, produzo textos monográficos para o blog. A decisão de comentar o livro ilustrado por Zabala também se deu por observar que, aos poucos, o ilustrador se aproxima do mundo editorial brasileiro. De Salvador, ele seguirá para São Paulo, onde dará um curso intitulado “Menos é mais”, nos dias 22 e 23, patrocinado pelo Instituto Emília. Depois, nos dias 27 e 28, guiará oficina de ilustração na Biblioteca Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, dentro das atividades preparatórias do Festival Internacional de Literatura de Belo Horizonte, a ser realizado em junho.

Antes da publicação de O pássaro na gaiola (teria sido menos poético se a tradução tivesse mantido o termo enjaulado), foi lançada no Brasil a obra Platero e eu (Martins Fontes, 2010), do poeta ganhador do Nobel Juan Ramón Jiménez, também com ilustrações de Zabala e tradução de Mônica Stahel. Ganhei a bem-cuidada edição de presente de uma amiga querida e sempre me emociono ao folhear suas páginas já marcadas pelo tempo e pelas leituras. Nos poemas em prosa, nas ilustrações que apenas sugerem estados de ânimo expostos no verbal, identifico a calidez daqueles que sabem alimentar suas infâncias.